

RACISMO AMBIENTAL: CADÊ A ESCOLA NESTE DEBATE?

Nadson Ayres dos Santos¹, Marina Telles¹

¹Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo, Câmpus Barretos

Palavras-chave: educação ambiental, educação básica, escola, revisão bibliográfica

Introdução

O racismo ambiental é um termo relativamente novo. Foi cunhado em 1982, nos Estados Unidos, num contexto de denúncia, por Benjamin Chavis, de depósito de resíduos tóxicos em territórios ocupados por populações negras (PACHECO; FAUSTINO, 2013). No Brasil, o termo começou a ganhar mais projeção a partir dos anos 2000, ocasião em que ocorreu o I Seminário Brasileiro contra o Racismo Ambiental.

O racismo ambiental é definido pelas injustiças socioambientais sofridas pelas populações marginalizadas, tais como os povos pretos, ribeirinhos, quilombolas, indígenas, camponeses, pescadores, entre outros. Caracteriza-se pela assimetria e desvantagem com que estas populações experimentam as questões ambientais, quando comparados aos grupos brancos e economicamente favorecidos (PACHECO, 2007).

Na prática, o termo nos convida a observar como as questões relacionadas à qualidade de vida dos povos, materializada no acesso a espaços verdes, distanciamento de depósitos de lixo, acesso a água potável, acesso a locais adequados e seguros de moradia, acesso a alimentação saudável, distanciamento de corpos d'água poluídos, entre outros, têm íntima relação com os recortes de raça/cor/etnia/classe social. Em última instância, não se trata apenas da qualidade de vida, mas de sobrevivência, haja vista o caso dos indígenas, que têm sido exterminados desde a chegada dos europeus ao Brasil (PACHECO, 2007).

A temática do racismo ambiental está ganhando visibilidade nos âmbitos acadêmico/científico e dos movimentos sociais, e é fundamental que esta discussão seja acompanhada pela esfera educacional básica. Afinal, a educação pode (e deve) visar a formação voltada à cultura dos direitos humanos.

Embora Haas (2022) tenha constatado que praticamente nenhum dos livros didáticos voltados à educação básica que analisou tenham tratado do racismo ambiental de forma direta, uma busca rápida por sites de busca de artigos científicos revela que o racismo ambiental tem sido pautado (e documentado) em sala de aula por docentes do país em diferentes contextos, de diferentes formas e em diferentes modalidades e níveis de ensino. Este projeto se propôs, portanto, a conhecer melhor esta realidade, de forma a revelar lacunas, possibilidades, caminhos e perspectivas, tanto para o desenvolvimento de políticas públicas quanto para auxiliar no trabalho de pesquisadores e docentes.

Objetivos

O objetivo central desta investigação foi avaliar a temática do racismo ambiental nas instituições de educação básica do país. De forma mais específica, pretendíamos identificar em que modalidades, níveis de ensino e tipos de escolas (ex.: rural/urbana) o racismo ambiental tem sido abordado, além de rastrear quais disciplinas e regiões do país têm tratado do assunto.

Finalmente, nos propusemos a investigar se o assunto tem ou não ganhado importância ao longo do tempo, nas escolas.

Material e Métodos

A pesquisa ocorreu por meio de uma revisão bibliográfica baseada na busca e análise de artigos acadêmicos publicados nos últimos dez anos (2014-2023) em língua portuguesa. Para a coleta de dados, utilizamos quatro diferentes combinações de palavras-chave no Google Acadêmico: "racismo ambiental" + "aula", "racismo ambiental" + "escola", "racismo ambiental" + "ensino" e "racismo ambiental" + "aprendizagem". Após a primeira etapa de busca, lemos o resumo de todos os artigos que foram

encontrados e removemos das análises artigos em que os autores se propunham a elaborar planos de aula ou sequências didáticas sobre a temática. Assim, nossos resultados restringem-se apenas a relatos de experiências e demais formatos de artigo que revelam experiências vividas em sala de aula.

A análise dos dados foi realizada por meio de análise descritiva. A leitura completa dos artigos resultou na elaboração de um quadro com as informações relativas aos objetivos, de forma que isso facilitasse a análise.

Resultados e Discussão

Nossa busca resultou em sete artigos que tratam de abordagens do racismo ambiental realizadas com turmas na educação básica.

Ao longo dos últimos dez anos, o tema tem sido abordado principalmente no Ensino Médio (71,4%), mas também foi desenvolvido no Ensino Fundamental (14,3%) além da Educação de Jovens e Adultos (14,3%).

Os dados indicam que o racismo ambiental tem sido abordado tanto em escolas públicas estaduais quanto em escolas municipais e escolas Família Agrícola – EFA, o que mostra uma diversidade de contextos educacionais onde a temática é tratada.

Quanto às disciplinas que têm abordado o racismo ambiental, observamos certa diversidade, já que professores de Educação Ambiental (disciplina eletiva), Sociologia, Biologia e Geografia trataram do assunto. Este aspecto revela como o tema tem potencial para ser um tema transversal nos currículos, uma vez que a abordagem por múltiplas áreas é muito bem-vinda.

Os sete artigos encontrados trazem experiências das cinco regiões do país de forma mais ou menos homogênea. O Nordeste e o Norte lideram o número de publicações (n=2). Para todas as outras três regiões do país encontramos apenas um artigo publicado sobre o tema.

A análise temporal, para determinarmos a frequência e os períodos em que houve publicações, indica que o ano de 2022 teve o maior número de publicações, com três artigos, seguido pelo ano de 2023, com dois artigos. Os anos de 2019 e 2020 tiveram apenas um artigo publicado, cada. Não encontramos nenhum artigo de 2014 a 2019. Podemos, portanto,

concluir, que a abordagem do racismo ambiental (e com registro em forma de publicação científica) levou cerca de uma década e meia para começar a ser tratada nas escolas do país. Além disso, observa-se uma tendência ao aumento nos últimos anos, que tem potencial para continuar no futuro próximo.

Conclusões

O racismo ambiental tem sido objeto de estudo em diferentes modalidades de ensino, em uma variedade de contextos educacionais, indicando a diversidade de experiências. Além disso, a discussão sobre racismo ambiental não se limita a uma disciplina específica, pois nossas análises mostram que essa temática tem sido incorporada em diversas disciplinas. As cinco regiões do país aparecem com um número muito semelhante de publicações, com Norte e Nordeste um pouco à frente na abordagem do assunto.

Embora tenhamos encontrado um conjunto relativamente pequeno de artigos sobre o racismo ambiental nas escolas brasileiras nos últimos dez anos de publicações, a análise dos dados nos permitiu identificar o crescente interesse de docentes em abordar o tema em sala de aula, a despeito da ausência do assunto nos livros didáticos e currículos oficiais.

Agradecimentos

Na minha trajetória escolar e acadêmica tive a contribuição de várias pessoas e espaços que tive acesso, onde me entendi como um sujeito coletivo, em especial agradeço aos educadores que no meu caminho cruzaram, ao meu avô, minha mãe, meus tios e tias, e a minha segunda família, o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

Referências Bibliográficas

HAAS, A.M.V. **A Educação ambiental dos livros didáticos do ensino médio em sua relação com as injustiças e racismos ambientais.** Trabalho de Conclusão de Curso.

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2022.

PACHECO, T. **Desigualdade, injustiça ambiental e racismo: uma luta que transcende a cor.** Combate Racismo Ambiental. 2007.

PACHECO, T.; FAUSTINO, C. A Iniludível e Desumana Prevalência do Racismo Ambiental nos Conflitos do Mapa, *In*: Porto, M.F., Pacheco, T. e Leroy, J.P. **Injustiça ambiental e saúde no Brasil: o Mapa de Conflitos**, [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 306 p, 2013.